

Guerra não-declarada contra Moçambique (1)

Como sempre a África do Sul

por Mário Ferro

Tanto o português Paulo Oliveira, como o australiano Ian Grey, fizeram na semana passada, em Maputo, em contacto com os jornalistas, declarações sobre a complexa e sinistra teia da conspiração internacional contra a República Popular de Moçambique.

Ambos deixaram por demais evidente que a principal responsabilidade do trama está na África do Sul e se move a partir do território sul-africano para o interior do nosso País, em actos de banditismo, terrorismo e sabotagem; e em várias partes do mundo, em campanhas de promoção publicitária, como se os bandidos armados fossem uma pasta dentífrica a precisar de conquistar mercado e clientela para arredacar um punhado de dólares.

É verdade que tanto Paulo Oliveira como Ian Grey não nos trouxeram novidades surpreendentes e bombásticas. Qual é o moçambicano que não sabe que a África do Sul tem a principal responsabilidade na agressão militar contra o seu país, apesar do Acordo de Nkomati?

Esse mesmo moçambicano não desconhece que, em muitas capitais da Europa e das Américas, para não falar em territórios de países africanos, os bandidos armados e seus promotores movimentam-se a seu bel-prazer, sem qualquer impedimento e, quase sempre, com fácil acesso às estruturas governamentais.

As duas conferências de Imprensa valeram pelo facto de, tanto Paulo Oliveira como Ian Grey, terem confirmado, uma vez mais, as informações que conhecemos, indo ao pormenor — isso é que se torna interessante — de revelarem certos aspectos de todo o trama, citando dias e horas, nomes de pessoas, organizações, cidades e países.

Por certo que o Governo sul-africano e os promotores do banditismo por esse mundo fora poderão advogar que as declarações de Paulo Oliveira e Ian Grey carecem de fundamento, são falsas e não constituem matéria jurídica, comprovativa da responsabilidade de Pretória.

Enquanto Paulo Oliveira foi porta-voz e delegado dos bandidos armados na Europa Ocidental e Ian Grey foi o missionário que assistia material e espiritualmente os bandidos armados, eles eram pessoas respeitáveis e de confiança para o Governo sul-africano e para os promotores do terrorismo e do crime em Moçambique.

Mas agora, que um se entregou e o outro foi capturado, estando a cumprir pena de prisão, talvez já sejam desonestos e tenham proferido declarações menos verdadeiras, apenas com o intuito de manchar a reputação e o bom nome que o Governo sul-africano, muito respeitavelmente, tem junto dos seus amigos e aliados...

ELEMENTOS SIGNIFICATIVOS

Abílio Jangane foi um bandido armado que se entregou na província de Tete. Em declarações por ele prestadas e publicadas na edição do dia 2 de Março deste ano no nosso Jornal, podia-se ler, sobre a presença de oito militares sul-africanos de raça negra numa base dos bandidos armados na zona de Furancungo, que uns eram instrutores, outros planificavam acções terroristas, enquanto um era o operador de rádio e o outro chefe do material de guerra.

Na mesma edição do nosso Jornal, um outro bandido armado, de nome Luís Tomás, que também se entregou às nossas autoridades, declarou: os bandidos armados receberam ordens da África do Sul para intensificar os seus actos de sabotagem contra linhas de transmissão de energia eléctrica e contra vias rodoviárias e ferroviárias. (Convém assinalar que, à data da publicação desta notícia, as linhas de fornecimento de energia eléctrica a Maputo e à Beira foram sabotadas).

No dia 23 de Março, uma outra notícia publicada pelo nosso Jornal reportava declarações de Fernando Tepo, um outro bandido armado que se entregou às nossas autoridades: a África do Sul fez, pelo menos, um grande descarregamento de armas e munições no centro de Moçambique, entre Dezembro e Janeiro últimos, entre a cidade da Beira e a foz do rio Zambeze, entre as latitudes de Muanza e Inhaminga. E adiantou: não é segredo nenhum a presença de sul-africanos entre os bandidos armados.

Se recuarmos no tempo, encontraremos notícias publicadas em edições do nosso Jornal de 1985, 1986 e 1987 sobre o envolvimento directo da África do Sul na guerra de desestabilização movida contra Moçambique.

As mais flagrantes e evidentes provas são os documentos da Gorongosa, capturados aquando da tomada da «Casa Banana», considerada o quartel-general do banditismo armado no nosso País. Documentos valiosos e importantes que, comprovando as vio-

lações do Acordo de Nkomati, demonstram claramente que os bandidos armados são uma componente (por sinal até bem económica para o orçamento militar do Estado sul-africano) das Forças de Defesa da África do Sul (SADF) na guerra não-declarada contra o nosso País.

AS ÚLTIMAS CONFIRMAÇÕES

Paulo Oliveira e Ian Grey vieram falar-nos das contínuas violações do Acordo de Nkomati e, sobretudo, que a África do Sul continua a ser a cabeça do banditismo armado no nosso País, ramificando-se o seu putrefacto corpo por várias partes do mundo.

O português falou-nos da «Zanza House», na Proes Street de Pretória, onde a contra-inteligência militar sul-africana tem o seu quartel-general e de onde sempre partem as ordens para os bandidos armados.

Falou-nos de Phalaborwa, local onde existe um quartel das Forças de Defesa da África do Sul e onde são estacionados os bandidos armados. Falou-nos de um quartel localizado na confluência dos rios Zelate e dos Elefantes, talvez o tal quartel que a BBC mencionou, na semana passada, como refúgio dos bandidos armados, após as suas acções de terrorismo e sabotagem no sul de Moçambique.

Paulo Oliveira falou-nos do Brigadeiro Charlie Van Niekerk, um «velho conhecido» nosso. Já nos documentos capturados pelas nossas forças na tomada da base de Garágua, em Outubro de 1981, o nome de Van Niekerk apareceu várias vezes citado. Nos documentos da Gorongosa, lá estava a presença desse oficial superior das Forças de Defesa da África do Sul.

Temos ainda a visita de Van Niekerk, em 24 e 25 de Junho do ano passado a Lisboa, capital portuguesa, onde instalou uma sofisticada aparelhagem de telecomunicações na casa de Paulo Oliveira, ligando directamente o delegado dos bandidos armados na Europa Ocidental ao quartel de Phalaborwa e vice-versa.

Paulo Oliveira falou-nos de um outro oficial superior das Forças de Defesa da África do Sul, o Coronel Du Pree, também um «velho conhecido» nosso, que actua ou actuava em território malawiano como coordenador e elemento de ligação entre Pretória e os bandidos armados.

Como se não bastasse, mais pormenores foram divulgados por Paulo Oliveira, por exemplo, que um avião «Dakota» sem inscrições da Força Aérea da África do Sul, levantou voo de território sul-africano para transportar, em Janeiro último, para o interior de Moçambique, o português Evo Fernandes, cabecilha da componente externa do banditismo armado.

E que também uma aeronave da mesma Força Aérea foi recolhida por Evo Fernandes e outros bandidos, nomeadamente o português Artur Janeiro da Fonseca, que se apresenta como o secretário das relações exteriores na República Federal da Alemanha.

Paulo Oliveira falou-nos da utilização de aeronaves C-130 ao serviço da África do Sul para as ligações com o Malawi, transportando bandidos e armamento que são posteriormente infiltrados em Moçambique.

A TRAGÉDIA DE MBUZINI

Por último, devemos referir aqui o estranho telefonema que Paulo Oliveira recebeu, na sua residência em Lisboa, entre as cinco e as seis horas do dia 20 de Outubro de 1986, feito por Evo Fernandes, bem como a não menos estranha mensagem expedida de Phalaborwa.

Foi Paulo Oliveira quem nos contou na primeira pessoa:

«Evo Fernandes disse-me para estar atento às notícias, porque algo se tinha passado com o avião do Presidente Samora Machel. A seguir ao telefonema do Evo Fernandes, há uma chamada vinda de Phalaborwa, do contacto habitual que passava as mensagens. Aí confirmam a notícia, dão-me uma lista de nomes das pessoas que iam no aparelho, confirmam a morte do Presidente Samora Machel e dizem para estar atento porque poderá ser necessário reivindicar a acção».

Paulo Oliveira manteve-se umas quatro ou cinco horas à espera de ordens de Phalaborwa. Entre as 11 e as 12 horas de 20 de Outubro de 1986, o português recebeu uma nova informação proveniente daquele quartel sul-africano:

«Já não é preciso estar preocupado com o assunto».

Para os moçambicanos, existe a convicção de que Samora Machel e os seus companheiros foram assassinados e que a queda do avião foi provocada com a intenção deliberada de causar a morte dos passageiros do avião presidencial.

A investigação feita pela comissão internacional de inquérito revelou que um sinal de rádio ilegítimo tinha contribuído para desviar o avião presidencial da sua rota em direcção a Maputo, atirando-o para as montanhas de Mbuluzi.

Com as declarações de Paulo Oliveira cresce ainda mais a convicção dos moçambicanos de que Samora Machel e os seus companheiros foram assassinados. Mais a mais, quando Paulo Oliveira afirmou que os sul-africanos têm capacidade necessária para provocar uma tragédia como a que ocorreu em 19 de Outubro de 1986.

OUTRAS FACETAS

Por seu turno, o australiano Ian Grey falou-nos do envagelista sul-africano Peter Hammond, que dirige uma organização aparentemente religiosa, chamada «Frontline Fellowship», sediada na Cidade do Cabo.

Falou-nos que Hammond entrou várias vezes em território moçambicano com um grupo de antigos membros das Forças de Defesa da África do Sul, fazendo-se transportar numa aeronave pilotada por um outro sul-africano, que apenas conhece pelo nome de «Fanny», antigo membro da Força Aérea da África do Sul.

Grey falou-nos de que esse Hammond entrou em território moçambicano acompanhado por outros sul-africanos, a partir do Malawi. Falou-nos das publicações de propaganda a favor dos bandidos armados, produzidas por Hammond e distribuídas gratuitamente na África do Sul.